

O MURMÚRIO DAS IMAGENS I
POÉTICAS DA EVIDÊNCIA

Título: O murmúrio das imagens I. Poéticas da evidência

Autor: Joana Matos Frias

Capa: Departamento Gráfico / Edições Afrontamento

Edição: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP) e Edições Afrontamento

Concepção Gráfica: Departamento Gráfico / Edições Afrontamento

N.º de edição: 1910

Colecção: Estudos de Literatura Comparada, 20

ISBN: 978-972-36-1683-5

Depósito Legal: 446907/18

Execução gráfica: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
comercial@companhiadasartes.pt

* Agradecimento ao Planetário do Porto – Centro de Ciência Viva

© Autor, Edições Afrontamento e Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP)

Edições Afrontamento, Lda.

Rua Costa Cabral, 859, 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt

comercial@edicoesafrontamento.pt

Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP)

www.ilcml.com

Esta publicação foi desenvolvida e financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito do Programa Estratégico “UID/ELT/00500/2013” e Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE “POCI-01-0145-FEDER-007339”.

O murmúrio das imagens I

Poéticas da evidência

Joana Matos Frias



ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA

Edições
Afrontamento

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DO ALGARVE

UID/ELT/00500/2013

COMPETE
2020

PORTUGAL
2020



GOVERNO DE
PORTUGAL

POCI-01-0145-FEDER-007339

Índice

Nota introdutória	9
I. A visão sensível	
A ideia e a imagem	15
<i>Mimesis, enargeia e ekphrasis</i>	23
A poesia não é como a pintura	39
<i>Coda: Ekphrasis – 10 aporias</i>	53
II. O sonho de Adão	
O pensamento visível.....	61
Associacionismo, memória e afins.....	67
A imaginação produtiva romântica.....	77
III. Imagem poética e poética imagista	
O conceito barroco	97
Do símbolo simbolista à imagem surrealista	105
<i>Excursão: A beleza convulsiva das imagens</i>	113
História e poética do imagismo	129
Notas	139
Bibliografia	195

*Ali, e depois
fica ao longo de uma vida: uma imagem
murmurante que nunca mais acaba de calar-se:*

Manuel Gusmão

Falo das imagens que, arrancadas a todos os seus contextos anteriores, estão agora expostas, como preciosidades, nos aposentos sóbrios da nossa visão posterior – como torsos na galeria do colecionador. E não há dúvida de que aquele que escava deve fazê-lo guiando-se por mapas do lugar. Mas igualmente imprescindível é saber enterrar a pá de forma cuidadosa e tacteante no escuro reino da terra. E engana-se e priva-se do melhor quem se limitar a fazer o inventário dos achados, e não for capaz de assinalar, no terreno do presente, o lugar exacto em que guarda as coisas do passado.

Walter Benjamin

Cores são degradadas em tonalidades, tonalidades em tonalidades de tonalidades, e o movimento e forma das nuvens são precisamente delineados.

António M. Feijó

Nota introdutória

Este estudo visa apresentar uma ponderada reconstituição teórica do complexo vínculo entre Poesia e Imagem, com as tensões históricas e as contradições tipológicas que tal relação sempre suscitou na cultura ocidental. Neste sentido, trata-se de uma abordagem na qual necessariamente se cruzam os domínios elementares da Retórica, da Poética e da Estética, com vista a uma reflexão transdisciplinar – por vezes talvez indisciplinar –, que parte de alguns elementos de base pouco lineares.

Se, desde os primeiros argumentos sobre a especificidade da literatura, a descrição da linguagem poética se encontra inextricavelmente ligada à esfera da visualidade, tal ligação obedeceu, porém, a duas tendências contrárias. A indefinição do significado que a palavra portuguesa *imagem* comporta (não tão aguda, por exemplo, no caso inglês, em que a diferença entre *image* e *picture* permite que se diga, como fez W. J. T. Mitchell, «you can hang a picture, but you cannot hang an image») é tão remota quanto a própria associação de Poesia e Imagem, estabelecida na Antiguidade, pois o complicado posicionamento da visão entre as esferas do Sensível e do Inteligível impediu que por longos séculos se distinguissem os meios retóricos de construção de um *analogon* do discurso com o referente, face aos meios de criação de um *analogon* dentro do próprio discurso.

A partir do mesmo núcleo visual, portanto, procedem duas poéticas radicalmente distintas nos seus princípios e, conseqüentemente, nos seus fins. De um lado, as poéticas da Mimese, traçando uma linha que tem na Modernidade o seu corolário e o seu canto do cisne no Realismo do século XIX e em certos neo-realismos subseqüentes, nas quais se pretendeu, com as devidas

variações, que o texto reproduzisse o real a partir de um discurso analógico e idealmente indicial. Trata-se da recriação do visível, pela qual a escrita procura suscitar não só um *efeito de real*, mas também um *efeito de presença*. Do outro lado, o conceito difuso e poliédrico da Imagem Poética propriamente dita, entendida como um procedimento de natureza conceptual que pretende dar a ver o invisível, sem qualquer preocupação de índole referencial, procedimento que terá conhecido a sua máxima consumação moderna na teoria e na prática da imagem surrealista: «ao prescindir de uma concretização plástica», sintetizou Silvina Rodrigues Lopes a este propósito, «a imagem literária deixa de supor uma relação ao visível e revela-se sobretudo como figuração do não-visível» (2003-2004: 77). Uma tal bipartição em duas linhas que se nivelam sob a égide da Imagem propicia assim a conexão coerente e fundamentada de diversos conceitos da história da Poética e de vários mecanismos retóricos aparentemente incompatíveis.

A reconstituição das mais decisivas poéticas da evidência requer, necessariamente, que o discurso teórico estabeleça, em passos epistemológicos progressivos, os alicerces de uma Fenomenologia, de uma Semiótica e de uma Retórica da Imagem. Por necessidade imanente, portanto, esta proposta funda-se num pensamento intersemiótico e interartístico, solicitado pelo discurso paragónico que, desde as poéticas da Antiguidade clássica, e sobretudo a partir da sua releitura e amplificação pelo Humanismo renascentista, sempre procurou equiparar a poesia à pintura, com ou sem prejuízo da sua especificidade verbal.



Com excepção de «Coda» e «Excurso», o texto que aqui se apresenta resulta da primeira parte da minha tese de Doutoramento, apresentada em 2006 à Faculdade de Letras da Universidade do Porto com o título *Retórica da Imagem e Poética Imagista na Poesia de Ruy Cinatti*. A secção correspondente a este primeiro volume de *O Murmúrio das Imagens* intitulava-se originalmente «Poética e retórica da imagem: esboço de fenomenologia histórica», e foi agora submetida ao necessário e possível processo de revisão e actualização. Para este processo contribuíram também as apresentações e publicações que, ao longo dos últimos anos, pude fazer de alguns capítulos ou subcapítulos da tese, nomeadamente: «A poética da visão na retórica clássica», apresentado ao Colóquio de

Homenagem a Ana Paula Quintela *As Artes de Prometeu* (Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005), e publicado no respectivo volume de actas em 2009; «*Ut Pictura Poesis non Erit*», publicado no n.º 23 da revista *Relâmpago* em 2008; «Metáfora e maravilha ou O estranho caso de uma Poética fundada numa Retórica: Algumas observações sobre o Barroco», apresentado nas II Jornadas da Sociedade Portuguesa de Retórica (Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015). Posteriores à tese de que deriva a maior parte do texto que se segue, os ensaios agora identificados como «Coda» e «Excurso» foram publicados, respectivamente, no n.º 8 da revista *eLyra* e no n.º 20 da revista *Cadernos de Literatura Comparada*, com os títulos «Écfrase: 10 aporias» (2016) e «A beleza convulsiva das imagens: surrealismo e perversões ópticas» (2009).

Todas as citações de estudos utilizados em edições em língua estrangeira, à excepção dos textos literários e salvo indicação em contrário, são traduzidas para português sob minha inteira responsabilidade.

Joana Matos Frias

